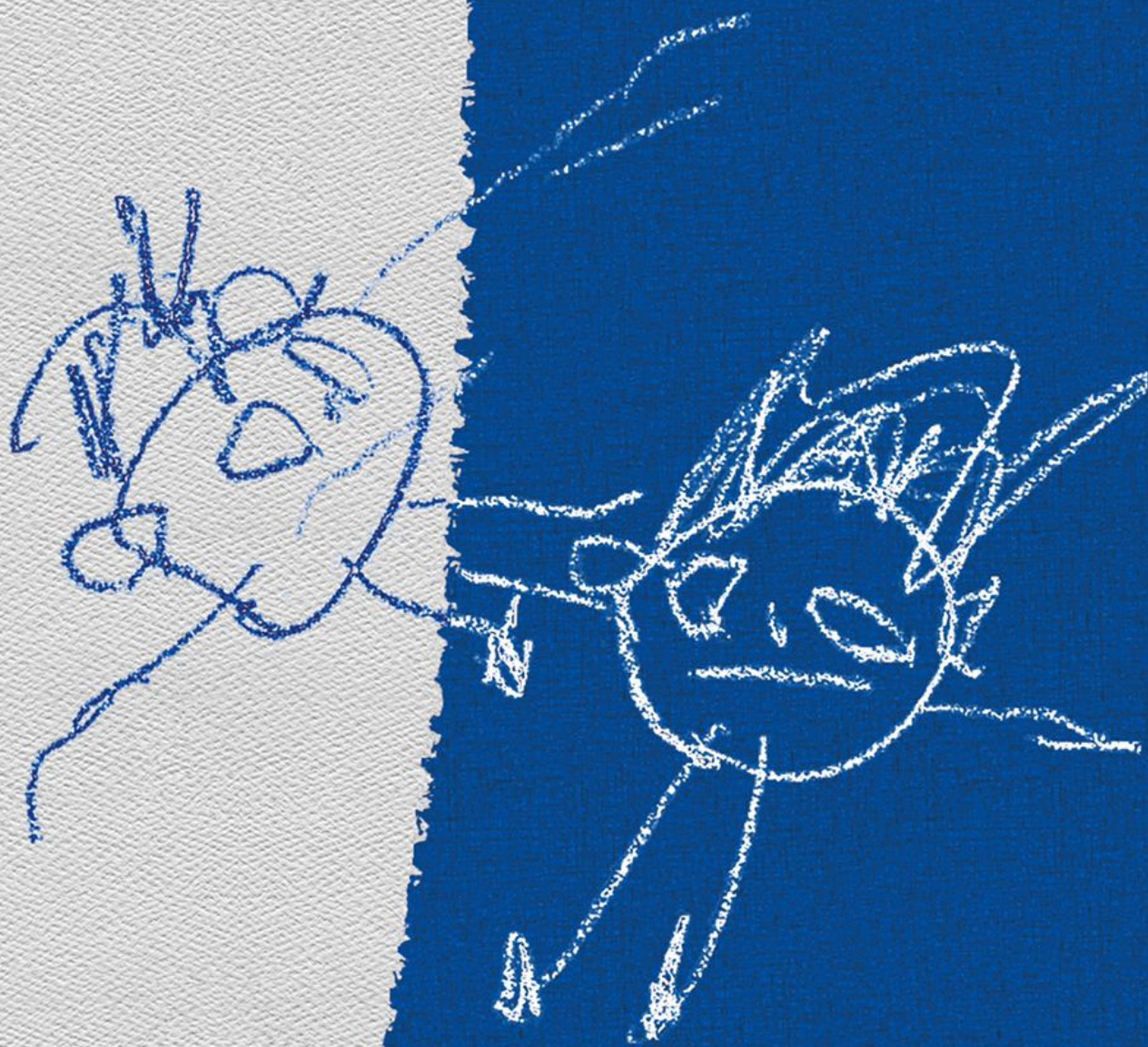


a afirmar,
inventar,
re-existir:

o que pode uma
educação filosófica?

textos individuais e estudos coletivos



daniel gaivota
fabiana martins
walter kohan (orgs.)

coletivoS

volume V
parte II

nafi edições
2021

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Reitor: Ricardo Lodi Ribeiro
Vice-Reitor: Mario Sergio Alves Carneiro
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Luís Antônio Campinho Pereira da Mota
Programa de Pós-Graduação em Educação (PROPEd)
Coordenadora: Talita Vidal Pereira
Vice-Coodenador: Annie Gomes Redig
Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI)
Coordenador: Walter Omar Kohan

Conselho Científico (NEFI/UERJ)

Alejandro Ariel Cerletti, Univ Buenos Aires e Univ Nac Gral Sarmiento
Alexandre Filordi de Carvalho, UNIFESP, Brasil
Alexandre Simão de Freitas, UFPE, Brasil
Barbara Weber, University of British Columbia
Beatriz Fabiana Olarieta, UERJ, Brasil
Carlos Bernardo Skliar, FLACSO, Argentina
César Donizetti Leite, UNESP, Rio Claro, Brasil
Claire Cassidy, University of Strathelyde, Escócia
Fabiana Fernandes Ribeiro Martins (Colégio Pedro II, Brasil)
Gregorio Valera-Villegas, Univ. Experimental Simón Rodríguez, Venezuela
Gustavo Fischman, Arizona State University, Estados Unidos da América
Jason Wozniak, West Chester University, Estados Unidos da América
Juliana Merçon, Universidad Veracruzana, México
Junot Cornelio Matos, UFPE, Brasil
Karin Murriss, Cape Town University, África do Sul
Lara Sayão, Sedec RJ, Brasil
Magda Costa Carvalho, Universidade dos Açores, Portugal
Maria Reilta Dantas Cirino, UERN, Brasil
Marina Santi, Università degli Studi di Padova, Itália
Maristela Barenco Corrêa de Mello, UFF, Brasil
Maximiliano Durán, Universidad de Buenos Aires, Argentina
Olga Grau, Universidad de Chile, Chile
Óscar Pulido Cortés, Universidad Tecnológica y Pedagógica de Colombia
Paula Ramos de Oliveira, UNESP - Araraquara, Brasil
Pedro Pagni, UNESP - Marília, Brasil
Renato Noguera, UFRRJ, Brasil
Roberto Rondon, UFPB, Brasil
Rosana Fernandes, UFRGS, Brasil
Rosimeri de Oliveira Dias, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil
Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo, UNICAMP, Brasil
Virgínia Kastrop, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Walter Omar Kohan, UERJ, Brasil
Wanderson Flor do Nascimento, UnB, Brasil

Conselho Editorial (NEFI/UERJ)

Alice Pessanha Souza de Oliveira
Allan Rodrigues
Daniel Gaivota Contage
Fabiana Martins
Felipe Froes Pereira Trindade
Marcelly Custodio de Souza
Ocimar Castro Maximo
Robson Roberto M. Lins
Simone Berle

Capa:

Marcelly Custodio de Souza
Robson Roberto M. Lins

Diagramação:

Marcelly Custodio de Souza
Felipe Froes Pereira Trindade
Simone Berle

Revisão técnica deste livro:

Arthur Henrique F. de Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Daniel Gaivota; Fabiana Fernandes Ribeiro Martins, Walter Omar Kohan (orgs.).

Afirmar, inventar, re-existir: o que pode uma educação filosófica? textos individuais e estudos coletivos.

Rio de Janeiro: NEFI, 2021 — (Coleção coletivoS: 5, parte 2).

ISBN: 978-65-992767-5-0

1. Educação. 2. Filosofia. 3. Pensamento. 4. Infância. 5. Coletivo.
I Título. II Série.

CDD 370.1

Índice para catálogo sistemático:

1. Educação: Filosofia 370.1

© 2021 Daniel Gaivota; Fabiana Fernandes Ribeiro Martins, Walter Kohan.

© 2021 Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias (NEFI/UERJ)

Site: <http://filoeduc.org/nefiedicoes>

Email: publicacoesnefi@gmail.com



responsabilizar pelos corpos que produzem, né? Mas também não podemos deixar de lado, dar de ombros. Será que a questão é manter o respeito por todos não interessa o quê?

A meu ver, é uma questão de democracia. Como envolver todos os corpos na sala de aula e fazerem eles se sentirem realmente parte de tudo que acontece ali? Como envolver a negra, o viado, o gordo, a autista... Acredito ser pelo viés da democracia que nós podemos nos responsabilizar por todos os corpos que convivem com a gente.

Eis, talvez, a questão: como nos responsabilizamos pelos corpos que produzimos? Como fazer com que, no fim do dia, os corpos possam se relacionar apenas com suas potencialidades, com suas forças vitais? Ou, quiçá, como respeitar a multiplicidade que habita os corpos e considerar, neles, milhões d'outros?

Referência: LAPOUJADE, David. Deleuze, os movimentos aberrantes. Tradução de Laymert Garcia dos Santos. São Paulo: n-1 Edições, 2015.

AUTOSSINCRONIA?

★ Diego Winck Esteves

Como viver nossos próprios ritmos?

Nascemos num mundo que perdura. O mundo já existe e nele somos inseridos.

O tempo, isso que dura — quiçá, excessivamente duro. Como nele passar? Duração, então, do tempo que passa, que segue a passar. Mas não passa igual a todos os passantes que aqui e acolá passam. Eis a questão, então: tempo e espaço são abstrações, pois vivemos em lugares, e neles assumimos modos de viver. Somos constituídos sobre maneiras de ser no tempo, de nele ocupar espaços; corpos, feitos de movimentos. Nada permanece, tudo passa. Somos uma composição sobre diversos ritmos, uma orquestra corporal: nosso coração tem um ritmo, nossos pensamentos outro, nossas articulações outro, nossos sentimentos outro. Que acorde resulta destas diferenças? Consonante ou dissonante? De que acordo/acorde é feito este corpo que tenho como meu? Como me ocupo de mim, e como vivo no tempo em que ocupo lugares por onde passo?

Para desdobrar respostas possíveis no entorno desta constelação de perguntas, que nos expõem uma complexa problemática entre tempo e espaço, circunscritos por certa noção de ritmo, passamos a contextualizar a educação a partir do corpo humano como eixo no entorno do qual as

questões se formulam. Neste sentido, a Educação é responsável pela inserção de um ser que chega, que nasce num mundo já existente. Tem, portanto, um sentido afirmativo, de socialização, de introdução daquele que ainda não sabe. Ao mesmo tempo, propomos que como indivíduos precisamos confrontar esse mundo no qual fomos jogados ao nascer, que precisamos nos projetar, sendo que o pensamento seria uma espécie de projeto-guia. Para tanto, é necessária atenção às ocorrências das ordens dos discursos vigentes e dominantes, da linguagem que se impõe à constituição do pensamento, logo, da subjetividade que se processa pelo corpo que se educa. Consequentemente, de atentar para o que nos produz como humanos. Notamos, assim, a função das instituições como aquelas que restringem nossos instintos, e questionamos: não seriam modos de conduzir nossos ritmos? Nos parece ser necessário superar nossa condição humana, demasiado humana, compreendendo o corpo, por uma via nietzschiana, como uma grande saúde, porquanto o ser quer se expandir, como potência.

Por conseguinte, é possível que o corpo siga seus próprios ritmos, que o corpo saiba mais do que o nós, visto que, não seria o eu uma construção social e o corpo o que lhe antecede? O eu a realidade sobre um corpo que lhe é real? Podemos mensurar um ritmo do corpo que não seja projetado pelo ritmo da urbe, dos outros, das coisas com as quais nos confrontamos, do que nos constitui como um eu? No silêncio da natureza, como nosso corpo vibra? Como vibra no silêncio natural da sala de aula artificial? O corpo não seria, logo, mais sábio do que eu? Duas questões consequentes, e complexas, então: como a educação age sobre e com nossos ritmos? E quais ritmos seriam estes?

Pistas nos surgem com Gaston Bachelard, no livro *O direito de sonhar* (1994, p.179), em que traz uma importante consideração sobre o tempo. Ele propõe três exercícios afirmativos, modos de resistir aos ritmos alheios, habituando-se ao ritmo de si:

"1.º habituar-se a não referir seu próprio tempo ao tempo dos outros — romper os quadros sociais da duração; 2.º habituar-se a não referir seu próprio tempo ao tempo das coisas — romper os quadros fenomenais da duração; 3.º habituar-se — duro exercício — a não referir seu próprio tempo ao tempo da vida — não saber se o coração bate, se a alegria impele — romper os quadros vitais da duração. Somente então atinge-se a referência autossincronica, o centro de si mesmo, sem vida periférica. Subitamente. Toda

a achatada horizontalidade se apaga. O tempo não corre mais. Jorra."

Considerando a pergunta inicial, cabe, por fim, questionar: como compreender quais são nossos próprios ritmos? E, ainda, como possibilitar que nossos ritmos se manifestem frente às imposições da realidade dominante?

Referência: BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1994.

VÍRUS? ENCONTROS-AFETIVOS QUE SEJAM POTÊNCIA EM MEIO AS INCERTEZAS-PANDÊMICAS: DEVIRES, INFECÇÕES E CONTÁGIOS

★ Tiago Amaral Sales

Como pensar em encontros afetivos a distância? Começar o texto com uma pergunta é te convidar para um encontro íntimo, coletivo e próximo, independente da distância. Em tempos de pandemia, encontrar torna-se urgente. Mais que urgente, o encontro é uma questão de vida: como sobreviver em contextos de isolamento, estresse, angústias e medos sem encontros? Nós, animais-sociais-coletivos nos encontramos para viver.

Assim, me propus a pensar nos encontros que tenho realizado nos últimos meses em que estive, predominantemente, em isolamento social. Tenho tido muitos encontros. Encontros diários, (in)constantemente. Com as pessoas que moro junto, são encontros presenciais. Com as distantes, encontros a distância, mas também com a presença: presença mediada por tecnologias digitais, mas marcada por afetos, criando conexões. Repenso as conexões e os encontros possíveis pelos corpos: corpos distantes, mas conectados afetivamente, afetando e sendo afetados.

Encontros-afetivos, tocando, perturbando, abalando e atingindo minha vida, na criação de novos mundos, mundos permeados por potências e aprendizados e conexões em meio a pandemia. Encontros com pessoas, teorias, produções, sentimentos, pensamentos. Encontros-vírus: infectando o cotidiano com risos, contatos, compartilhamentos, fazendo pensar. Encontros-infecções que trazem potência, permitindo criar e sentir, em velocidades e profundidades variadas. Mediados pelo vírus-tecnologia, criamos curas-virtuais, em plataformas-encontros, atravessando nuvens e janelas.

Em meio a um acontecimento-pandêmico, ao vírus causador da COVID-19 e outros vírus-biológicos que disseminam ódio e medo na tentativa de capturar nossos corpos, penso junto de Gallo e Aspis na urgência de "escapar: criar novas formas de subjetividade, resistência (GALLO; ASPIS, 2011, p. 174)". Escapar em encontros, em movimentos coletivos de resistir e re-existir. Escapar ao criar um contravírus:

Desvio, pequeno movimento, que seja, de devir. Devir outro e outro, sem cessar, devir, devir, devir-monstro, criar os possíveis, multiplicidade de possíveis, ocupar o espaço turbilhonadamente, revolvendo o uno, em espiral, sem linearidade progressiva de pares de opostos. Em bandos, como vírus, também como vírus: contravírus (GALLO; ASPIS, 2011, p. 178).

Infectar afetivamente os encontros, afetar e ser afetado pelas leituras, palavras, compartilhamentos. Rir e chorar, tocar e ser tocado. Se jogar em movimentos in-constantemente, de dentro para fora e de fora para dentro: dentro e fora se misturam e já não é possível separar mais um do outro. Dentro e fora do corpo, da casa, das redes, das nuvens, das janelas, das máscaras: dentro-e-fora em multiplicidades, infectados por afetos, em devires: diferenças, movimentos, possibilidades. Vírus?

Pensar em um devir-vírus: infectar pelos afetos na criação constante de outras formas de encontro. Vírus-afeto, tocando, perturbando, abalando e atingindo vidas. Infecção-contágio criando germens de novos mundos: mundos-encontros, mundos-coletivos, em bandos, mesmo que separados por distâncias físicas. Bandos em uniões através da diferença: coletivos que uivam e compõem na multiplicidade. Nunca sozinho, sempre estou com outros, infectando os dias, os corpos, as mentes, as redes, as nuvens, as janelas, (n)os encontros. O encontro como vírus-afeto que permite força, potência e vida: resistências e re-existências e... Encontros outros em outros tempos, permeados pelas incertezas. Encontros-esperança, encontros que permitem esperar. E penso: Como se preencher com a potência dos encontros para criar novos mundos em meio a futuros incertos? Como infectar a incerteza na criação de potências de vida?

Referência: GALLO, S.; ASPIS, R. L. Biopolítica-vírus e educação-governamentalidade e escapar e... Revista de Estudos Universitários, Sorocaba, v. 37, n. 2, p. 167-179, dez. 2011.